

# TRÊS EXPOSIÇÕES JUNTO AO TEJO

No início deste ano de 2023, várias foram as exposições que inauguraram e que vieram enriquecer a malha artística e cultural da cidade de Lisboa.











Foto: Associação Turismo de Lisboa

Com os dias novamente a voltarem a crescer, surge a oportunidade de aproveitar o fim-de-semana (agora mais solarengo) para um passeio e ficar a conhecer algumas das mais entusiasmantes propostas do circuito artístico contemporâneo da capital.

Propomos então a visita a três exposições num percurso ao longo do rio Tejo, sobre as quais lançaremos um olhar crítico também.

# GALERIA FRANCISCO FINO

Comecando o dia pela zona de Marvila, o bairro histórico da zona este da cidade Lisboa que em tempos foi lugar de grande atividade mercantil, como ainda é possível reconhecer pelos grandes armazéns que caracterizam o bairro. É num desses armazéns que se encontra a Galeria Francisco Fino, que agora apresenta a exposição Nobody Nowhere, de Gabriel Abrantes.

O trabalho de Gabriel Abrantes tem sido pautado por uma pesquisa e exploração intensiva da linguagem cinematográfica através dos seus filmes e vídeos, que o próprio escreve, realiza e produz (e nos quais ocasionalmente atua).

Os seus filmes confrontam temas históricos, sociais e políticos, e são muitas vezes plataforma para uma investigação sobre questões pós-coloniais, de género e de identidade, muitas vezes distorcendo narrativas tradicionais com leituras improváveis utilizando o absurdo e o humor como "máquina" conceptual.

Em Nobody Nowhere, Abrantes dá um passo atrás no meio com o qual estamos mais habituados a ver o seu trabalho. Nesta exposição não vamos encontrar filmes nem vídeos, pois aqui são apresentadas um conjunto de pinturas feitas pelo artista.

Nestas pinturas surgem representados alguns vultos e figuras fantasmagóricas que parecem estar a trabalhar nos seus próprios ateliês – umas pintam, outras projetam filmes, outras ainda se encontram apenas a pairar com o num espaço com uma série de telas e pinturas à sua volta – quase como se essas próprias figuras fossem elas próprias representações do artista e do seu processo criativo.

Voltando então ao processo criativo de Abrantes, e ao que está na origem destas pinturas, o artista explica na folha de sala que recorreu a um software de modelação 3D (Maya) para criar as imagens que vemos representadas, e que na base para a conceção destas imagens recorreu a um gerador de imagens de inteligência artificial chamado Dall-E.

Mais do que uma curiosidade, a intervenção da tecnologia na imagem final apresentada em tela entra no processo criativo do artista como instrumento, criando imagens que materialmente seriam muito difíceis ou impossíveis de recriar, mas que Abrantes irá depois utilizar, passando da imagem virtual à tela física por meio de tintas e pincéis.

Aquilo que o artista apresenta nesta exposição e nestas pinturas é então a representação destas novas tecnologias de inteligência artificial e a sua condição imaterial. Os fantasmas podem representar Abrantes ou qualquer outro artista que se confronta com as possibilidades infinitas de nova era digital, as imagens geradas por softwares de inteligência artificial podem representar o futuro da arte, e tudo isto pode ser visto e interpretado como um símbolo da ansiedade sentida pelos artistas sobre o futuro do seu trabalho e do seu papel na sociedade.

### KUNSTHALLE LISSABON

Continuando o passeio ao longo do Tejo, paramos na Kunsthalle Lissabon, uma galeria que fica escondida no interior de um quarteirão na zona da Penha de França, e que tem sido palco para algumas das mais curiosas experimentações e projetos apresentados em Lisboa.

Aqui encontramos a **exposição Ressurreição, da artista Inês Zenha**. A viver e trabalhar em Paris, a artista portuguesa apresenta aqui a sua primeira exposição individual em Portugal. A prática de Inês Zenha abrange uma multiplicidade de suportes, tais como instalação, pintura, escultura e cerâmica, que são utilizados como parte da sua investigação e reflexão em torno das representações, tanto formais como conceptuais, do corpo queer.

Ao entrar no espaço expositivo da Kunsthalle deparamo-nos com uma enorme instalação que surge dependurada do teto, formando algo que se assemelha a uma cortina. Composta por vários elementos escultóricos em azulejo em forma de seios, esta peça apresenta-se como um prelúdio para o que mais adentro da galeria se avizinha.

Repetido de forma exaustiva, o símbolo feminino representado nesta peça parece ser despersonalizado pela sua repetição obsessiva, numa espécie de grelha esquemática que parece evidenciar a preocupação da artista com a constante mercantilização dos atributos reprodutivos e da "padronização" do corpo.

A artista convida o visitante a passar pela cortina para ir explorar o que se esconde para lá dessa simplificação. Num projeto concebido especificamente para a exposição aqui apresentada, Inês Zenha constrói um santuário pessoal em que o elemento central é a celebração de um corpo em todas as suas fases de confronto e libertação. Através da utilização de materiais como a argila, a artista enfatiza a importância da maleabilidade explorando a transformação orgânica de um corpo.

#### **BROTÉRIA**

Seguindo o percurso até ao último destino deste passeio, já na zona do Cais do Sodré subimos a rua do Alecrim e a rua Nova da Trindade até ao largo da Igreja de São Roque. É aí mesmo, de frente para o largo, que se encontra a **Brotéria**, um centro cultural da congregação Jesuíta que se instalou num edifico apalaçado em pleno Bairro Alto e que se propõe a estar aberto ao encontro da cidade e da cultura urbana e contemporânea.

Neste espaço ocorrem diversas iniciativas desde exposições, conversas, seminários, performances ou workshops. É neste espaço que também alberga uma biblioteca de investigação, uma livraria e um café, que no piso superior encontramos a exposição **Pintura sem Fim**.

Ao entrar nas salas dedicadas à exposição, o espectador é imediatamente assaltado pelas cores vibrantes que forram todas as paredes: do chão ao teto, as paredes das salas expositoras estão completamente recheadas de pinturas, quase não havendo espaço entre elas e tornando-se quase difícil orientar-se nesta imensidão de produção pictórica.

É, pois, ao jeito dos antigos salões de pintura (Salon de peinture et de sculpture) que eram apresentados em Paris no final do séc. XVII, que esta exposição vem à luz. Revisitando de forma irónica esse longínquo modo de exposição, em que as peças surgem quase que encavalitadas umas em cima das outras, esta exposição provoca um enorme encontro com a pintura enquanto elemento irrevogável nos tempos e nas geografias das artes visuais.

Celebra-se aqui a pintura e o encontro de distintas práticas através desta disciplina artística, que se prima por ser um elemento da maior importância histórica na condensação e propagação da cultura. São ao todo 69 artistas que aqui surgem representados que, apresentados através de meios expositivos de outros tempos, nos fazem ver a força e energia da pintura de hoje.

## Por Joao Gaspar

Técnico de museologia